

**AO INFINITO: A SUBVERSÃO DA CERTEZA ESPONTÂNEA
 E A TRANSLUCIDEZ DE SI A SI EM DESCARTES**

Cyro Soares*

Resumo: O artigo se propõe a examinar a hipótese cartesiana da existência de um gênio maligno, bem como o debate acerca da existência de Deus e a ideia do infinito, temas discutidos em *Meditações Metafísicas*, de René Descartes.

Palavras-Chave: Descartes; pensamento; dúvida; Deus; infinito; gênio maligno; metafísica.

**TOWARDS INFINITY: THE SUBVERSION OF SPONTANEOUS CERTAINTY
 AND SELF TO SELF TRANSLUCENCY IN DESCARTES**

Abstract: This paper proposes to examine the cartesian hypothesis regarding the existence of an evil demon, as well as the debate concerning the existence of God and the notion of infinity, themes that are present in René Descartes' *Metaphysical Meditations*.

Keywords: Descartes; thought; doubt; God; infinity; evil demon; metaphysics.

Introdução

As implicações da existência de um gênio maligno são por si só suficientemente instigantes para provocar um debruçar atento sobre a hipótese cartesiana. A busca pelo indubitável apresenta-se junto a um incessante questionamento que culmina com a mais elegante prova da existência do infinito.

Entretanto, de sorte a conseguir, de fato, provar a existência do infinito e, portanto, de Deus, é necessário que se disponha, primeiro, a imaginar uma realidade na qual um ser enganador exista e opere, e assim o faça com sucesso, sendo capaz de conseguir que se duvide de absolutamente tudo, indistintamente.

I - Gênio Maligno

A procura pela verdade tem como objeto o indubitável. Descartes, em suas *Meditações Metafísicas*, se coloca a duvidar profunda, metódica e indiscriminadamente

* Graduando em Filosofia Bacharelado pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: cyrocsr@gmail.com.

até conseguir atingir o objetivo de não deixar restar nada ao qual não se possa duvidar e podendo, assim, estruturar todo o resto de seu conhecimento nesse entorno¹⁷. A filosofia cartesiana é capaz de interrelacionar suposições e teses acerca do fundamental princípio de que a verdade existe naquilo que tem clareza e distinção.

Tudo o que aceitei até o presente como o mais verdadeiro e certo, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, algumas vezes experimentei serem esses sentidos enganadores, e é prudente nunca se fiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram¹⁸.

Dessa maneira, os sentidos podem enganar o homem, não havendo como se confiar por completo neles. Descartes passa então a considerar a possibilidade de estar enganado quanto às coisas das quais, até então, tomara como absolutas, tal qual a existência inequívoca do próprio mundo¹⁹. Considera, dessa forma, que até as mais absolutas certezas são passíveis de manipulação, ainda que essa afirmação pareça ir de encontro com o entendimento de um Deus naturalmente bom, em oposição a um que, ao criar o homem, o faria de sorte a sistemática e propositadamente, enganá-lo.

Quando do dormir e do sonhar, é adquirido um verniz de realidade e verdade, como se o indivíduo acordado assim estivesse, não sendo possível estabelecer com facilidade a distinção entre o estado de sono e de vigília, Descartes introduz, então, a figura do gênio maligno, de um ser enganador. Cada experiência, cada coisa que se enxerga, sente, ouve ou toca, pode não passar de sofisticada ilusão. O gênio maligno alimenta o sensível diretamente, infectando a consciência. Mesmo o sentido de movimento dos membros pode fazer parte da ilusão.

A existência do gênio compromete a própria existência do ser. Sua natureza propõe a dúvida do simples e do composto; o que depende de sentidos para se sustentar na realidade e o que se basta. Nada estaria a salvo do gênio manipulador. O corpo, a mente, a razão e a própria existência do indivíduo podem não passar de elaborada ilusão. As formas que se imagina, a matemática, a identidade e a finitude podem, todas, serem artifícios manipuladores. O próprio corpo pode ser ilusório, objeto cujas formas e

¹⁷ “Era necessário dispor-me seriamente uma vez em minha vida a desfazer-me de todas as opiniões que aceitara até então em minha crença e reiniciar totalmente a partir dos fundamentos, se quisesse estabelecer algo de sólido”. DESCARTES, René, *Meditações Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 31.

¹⁸ DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 32.

¹⁹ “Aceitara por verdadeiras muitas falsas opiniões.” (DESCARTES, 2016, p. 31)

dimensões podem ou não corresponder à realidade, com efeito, podem, ainda, não existir.

E detenho-me nesse pensamento, vejo tão claramente que não há indícios conclusivos nem marcas suficientemente certas com base nos quais se possa distinguir nitidamente a vigília do sono que fico completamente pasmo com isso; e meu pasmo é tal a ponto de ele ser quase capaz de me persuadir que durmo.²⁰

A hipótese de um gênio manipulador que, por um lado, desconcerta a mente e, por outro, deturpa a própria verdade a ponto de invalidar o que outrora era tido como certeza, tem início a partir justamente desse agente manipulador. É a suposição de Descartes acerca da qual a dúvida é levada ao extremo²¹. Uma vez que a própria verdade é posta em suspenso pelo trabalho desse gênio maligno, torna-se necessário, então, provar aquela verdade contida no próprio entendimento. Para Descartes, independentemente do poder do gênio maligno, na medida em que se encontre exercendo seu trabalho manipulador, passa a corroborar a própria existência do objeto de sua manipulação. Enquanto houver pensamento, haverá existência²².

O gênio maligno é traiçoeiro o suficiente a ponto de conseguir inserir-se nos pensamentos de outrem, capaz de gerar dúvidas reais concernentes à realidade na qual o indivíduo se encontra. Assim, os sentidos podem ou não passar de espécies de sonhos realísticos; a memória é passível de manipulação e é influenciável a ponto de ter sua confiabilidade quanto à sua autenticidade posta em cheque; e, a razão pode ou não ser manipulada com o intuito de exercer julgamentos falsos. O gênio maligno subverte qualquer certeza espontânea, se alimentando da finitude, da qual precisa, mas não pode atingir, pois ao se lançar em direção ao infinito, cessa. O principal argumento cético empregado por Descartes é essa hipótese, que constitui a tentativa de sombrear uma total transparência exata, isto é, duvidar em absoluto de uma verdade em sua própria certeza ou condição de verdade. É a dúvida extrema, aquela que questiona não apenas o redor, mas também o cerne. O argumento explora a possibilidade de que a realidade

²⁰ DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 33.

²¹ Dúvida hiperbólica – ou dúvida metódica. Trata-se da dubitação contínua e sistemática daquilo que é apresentado como verdadeiro; é o minucioso exame dos conceitos, que deságuam no *cogito*.

²² *Cogito, ergo sum*. Único conceito a sobreviver à dúvida hiperbólica. Como argumentado na Segunda Meditação, é o indubitável, pois ainda que o gênio maligno tente enganar seu objeto, a existência do objeto precisa ser constatada, pois não há como enganar aquilo que não existe. Dessa maneira, o objeto da enganação do gênio maligno precisa pensar para que seja possível enganá-lo. O pensamento, com efeito, leva à certeza da existência daquele que pensa. “Penso, logo existo”.

pode não passar de mero sonho, dessa forma, tornando as crenças empíricas, em sua totalidade, questionáveis.

Suporei, então, que há não um verdadeiro Deus, que é a fonte soberana de verdade, mas certo gênio maligno, tão audacioso e enganador quanto poderoso, que empregou toda sua engenhosidade para me enganar. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas externas que vemos são apenas ilusões e enganos dos quais ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerarei a mim mesmo como não possuindo mãos, olhos, carne, sangue, como destituído de quaisquer sentidos, mas crendo falsamente possuir todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente preso a esse pensamento, e se por esse meio não está em meu poder chegar ao conhecimento de nenhuma verdade, ao menos está em meu poder suspender meu juízo²³.

Se há, no entanto, uma ilusão, há aquele que é iludido. Sendo assim, o objeto da ilusão deve, de fato, existir, pois para que alguém seja iludido a pensar que existe quando contrário é verdadeiro, é necessário, de início, existir. Não se pode manipular o nada, exercer força qualquer sobre algo que inexistente. Dessa forma, mesmo que aquilo que se experimente não seja de todo real, não há dúvidas de que o que se pensa enquanto às coisas experimentadas o é. Uma pessoa, ao vislumbrar uma montanha, pode não ter certeza de que o que enxerga seja, de fato, uma montanha. Pode, com efeito, ter absoluta segurança de que a imagem fabricada em sua mente e que lhe remete à montanha é real, independentemente da verossimilhança para com a coisa em questão.

Não há como se manipular o estado de consciência. Pode se impor dúvidas quanto aos seus limites, mas essa atividade desconfiante é justamente pressuposta em uma consciência que trabalha de modo a entender a questão, e até mesmo para poder eventualmente ser iludida. A questão passa a ser não mais sobre a plausibilidade de crença nas ações de constante manipulação de um gênio maligno, tornando-se relevante que, ao refletir acerca de sonhos e manipulações torna-se possível duvidar da existência factual das coisas que são percebidas e aceitas como verdadeiras e absolutas, num âmbito exterior e amplo.

A figura do gênio maligno não serve, entretanto, para excluir do homem todas as certezas, indiscriminadamente, pois algumas certezas prevalecem. As certezas absolutas, como a lei da não-contradição, não são passíveis de manipulação. O que faz a

²³ DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 37-38.

figura do gênio é desnudar o papel do homem quanto àquelas coisas que ele toma como certas. Em outras palavras, não seria possível a tudo fabricar, mas sim, seria possível fazer com que o homem questione a forma com a qual chega às suas certezas, duvidando de sua própria capacidade.

O exemplo matemático que Descartes emprega, ao dizer ser possível haver engano quanto à soma de três mais dois resultar em cinco, não vislumbra um mundo no qual o resultado não seja, de fato, cinco, mas compreende que as conclusões do homem ao interpretar a equação possam estar equivocadas.

Todavia, faz muito tempo que tenho em meu espírito certa opinião, nomeadamente que há um Deus onipotente e pelo qual fui criado e produzido tal como sou. Ora, quem pode assegurar-me que esse Deus não tenha feito de modo a não haver nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, entretanto, tenha eu as sensações de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir diferentemente daquilo que vejo? E mesmo, como julgo às vezes que os outros se equivocam até nas coisas que pensam saber com máxima certeza, pode acontecer de ele ter querido que eu me engane sempre que realizo a adição do dois ao três, ou que conto os lados de um quadrado, ou que emito juízo sobre algo ainda mais fácil, se é possível imaginar alguma coisa mais fácil do que isso. Mas talvez Deus não haja querido que eu fosse enganado desse modo, uma vez que se diz ser ele soberanamente bom²⁴.

II - Além da Dúvida

Não se pode saber com certeza que o corpo existe, entretanto algo de verdadeiro há de existir, ainda que de sorte a ancorar todo o restante. Um indivíduo tende a se imaginar²⁵ como homem, dotando-se de algumas características subjetivas e outras objetivas. Algumas, dimensionais, dando forma à sua matéria e a cada pedaço desse receptáculo que entende como sendo representante de si, como sendo seu corpo, sua morada. Não há garantias de que essas ideias estruturais sejam corretas, nem mesmo que sejam únicas e não apenas partes de algo maior, ou algo artificial, como se peças de um todo maior fossem, encaixando-se em uma simulação destinada a forçar o indivíduo a se enxergar em uma realidade que lhe é colocada.

²⁴ DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 35-36.

²⁵ “Imaginar não é outra coisa senão contemplar a figura ou a imagem de uma coisa corpórea”. DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 45.

Como abelhas em uma colmeia cuja origem lhes é desconhecida, fazendo com que o indivíduo se iluda quanto à sua condição, deixando-lhe acreditar ser homem quando em verdade pode não passar de mais uma peça, um pequeno pedaço de um todo invisível. Uma abelha dentre milhares, em uma colmeia que também em nada se distingue das demais, mas, ao contrário, a elas se confunde. A ideia, com efeito, do homem como coisa especial, ainda que possa não sê-lo.

A solução não é, porém, pensar sobre a veracidade do ambiente onde se vive, nem procurar se destacar para provar sua singularidade. É mais elegante e mais simples do que isso. A solução está no próprio pensamento. Mesmo ao vislumbrar a possibilidade de que o mundo pode não existir, de que o corpo, tal como é tido, pode não corresponder à realidade, de que nada está seguro quanto à sua existência, pois o mundo no qual se insere o homem pode não passar de uma experiência maliciosa, uma sociedade fabricada pelos mais diversos motivos, dentre todos os mais variados cenários, pode haver um que se tome como certo, como verdade: o pensamento. O pensamento, que é atividade cuja qual não se objetiva, que é natural e jamais serve de objeto.

A realidade é o substrato ontológico da representação, sendo a representação o modo pelo qual o pensamento pensa. O pensamento se dá pela representação, é a realidade objetiva da representação; se põe e se dá, simultaneamente. A inclinação natural é a tendência espontânea de se ficar no provável, não é pensamento. Não tem clareza nem distinção. A certeza quanto à realidade do mundo pode inexistir, mas o fato de ser possível criar, através do pensamento, uma ideia quanto a essa proposta, seja ela verdadeira ou falsa, prova que, ainda que em meio a dúvidas quanto ao mundo, é certo haver o pensamento, uma vez que o pensamento é o que permite que se entenda o que é o ser. Supera-se a questão sobre o tipo de mundo existente, imergindo-se no que se pensa quanto ao mundo. O pensamento se dá eminentemente na razão e a imaginação é limitada pelo sensível e tem ordem corporal. Descartes se detém às verdades das coisas no âmbito metafísico, procurando rejeitar aquelas coisas das quais a verdade ele não pode afirmar existir.

Uma vez que se entenda a hipótese do gênio maligno como sendo a dúvida levada ao extremo, torna-se extremamente problemático imaginar cenário algum que

envolva qualquer tipo de absoluta certeza. Se há de fato uma força que trabalha diuturnamente e com o exclusivo propósito de gerar dúvidas quanto àquilo que o indivíduo toma como certo, a distinção entre realidade e ilusão coloca-se simplesmente impraticável. Essa conclusão acaba como ápice de qualquer argumento cético. Se não há razões para duvidar que exista uma figura manipuladora, com resiliência o suficiente a ponto de jamais se esgotar em seu propósito desconcertante, qualquer tentativa de burlá-la, então, será infrutífera. Não se deve, entretanto, resignar-se quanto a essa realidade manipuladora, e sim perceber que a solução se encontra no próprio argumento filosófico. Se de nada há que se fazer face à dúvida constante, tem-se que notar o que há para além dela.

Apesar de o gênio maligno ser capaz de encobrir com um manto de dúvida a afirmativa de que o mundo existe, por exemplo, disso decorre que, ainda que não exista, há algo ou alguém que está sendo convencido a acreditar nesse cenário. Existe um objeto dessa manipulação quanto à realidade – ou não - do mundo, e é justamente desse objeto que se pode inferir que, para que haja um alvo de manipulação, é necessário que esse alvo exista. O manipulado, com efeito, tem sua existência corroborada pela própria força manipuladora. Rompe, assim, o ciclo de dúvida, podendo, com alguma firmeza, deduzir que a manipulação da qual está sendo objeto decorre precisamente, de sua existência. Nesse sentido, a própria questão da dúvida quanto à existência é o que a atesta, descreditando o manipulador. Resta, então, entender o que vem a ser essa existência, uma vez corroborada. Para isso, é preciso compreender o que existe, empregando-se o método da dúvida²⁶.

III - Finito e Infinito

A primeira premissa sobre a existência de Deus é a que o meditador tem uma ideia com infinito grau de realidade objetiva, a saber, a ideia de uma substância infinita. A suposta prova da existência de Deus que tem início na existência da ideia de um ser infinito na mente humana, uma ideia de Deus, não como exortação moral, mas como pensamento, como ideia do infinito.

Descartes distingue entre realidade formal das coisas e realidade objetiva, ou representação das ideias acerca das coisas. Enquanto a realidade formal é o modo de ser

²⁶ “Eu sou, eu existo: isso é certo. Mas por quanto tempo?” (DESCARTES, 2016, p. 44)

através do qual uma coisa é ou existe, a realidade da representação é o modo de ser pelo qual a coisa é objetivamente no intelecto como uma ideia. Ideias são também coisas, modos de pensamentos substanciosos, e assim também possuem realidade formal, além da representativa. Ambos os tipos de realidade permitem graus. A terceira meditação não aprofunda o conceito de realidade formal. Ali, realidade formal é apenas rapidamente dita como sendo a perfeição. Entretanto, Descartes sugere que um grau de realidade formal de uma coisa está ligado ao seu grau de existência independente.

A diferença observada entre a substância finita e infinita é baseada na metafísica de Descartes, de acordo com a qual substância é aquilo que existe independentemente em uma de duas formas. A substância finita existe de forma independente de tudo menos Deus, enquanto Deus, uma substância infinita, existe de maneira independente de todo o resto. Perceber-se essa noção de graus de realidade formal como sendo correspondente a uma existência independente, podendo ser estendida para incluir modos, é fundamental. Na metafísica de Descartes, um modo, entendido como a propriedade da substância, depende de sua substância para existir. Se o grau de realidade formal é de fato tão ligado à independência, seguiria que uma substância finita tem mais realidade formal do que um modo. Já que o modo depende de algo do qual ela mesma é dependente, a saber, a substância finita, enquanto a substância finita depende apenas de algo que é absolutamente independente, isto é, da substância infinita.

IV - O Limite do Pensar

O problema geral da representação das coisas exteriores é o abandono da versão da inclinação natural como resposta. A inclinação natural é aquela cuja crítica inexiste. Ao pensar no que causa a representação, assume-se que as representações não sejam causadas pelo indivíduo. No escopo do pensamento, em seu efeito, há ao menos tanta realidade quanto em sua causa.

Agora, é algo evidente, graças à luz natural, que deve haver aí pelo menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto em seu efeito, pois de onde mais pode o efeito retirar sua realidade²⁷ senão de sua causa? E como essa causa poderia transmitir a ele realidade se não possuísse em si mesma?²⁸

²⁷ Substrato ontológico da representação.

²⁸ DESCARTES, René. *Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 61.

Troca-se, assim, a inclinação natural por uma mais filosófica, concernente à causa. Sobre a relação do pensamento com a causa, que não é de ordem da linguagem, mas tem densidade ontológica. A representação é efeito ontológico de uma causa, transmitindo tanto realidade quanto causa. Se há representação é porque a coisa representada é algo, pois há causa quanto ao ser. A representação é a forma geral do pensamento. Conduz a realidade objetiva da ideia, sendo que o pensar certo é o correto pensar.

O pensamento de uma coisa é a coisa formada de pensamento, mas o pensamento em si não é coisa. Por meio da realidade objetiva da ideia da coisa é possível pensar o causador da coisa como sendo algo plausível. É o pensável da coisa pelo pensamento. O que causa o pensamento é a causa da própria coisa. Tem-se o mundo pelo pensamento.

As representações sobre o calor e sobre o frio de Descartes²⁹, por exemplo, são emblemáticas. Tais representações são, com efeito, vagas, mal representando a elas mesmas. Não têm clareza nem distinção, são relativas e se ancoram na finitude. Tais representações levam ao nada, pois sobre nada versam. A representação real opera com clareza e distinção, e o limite do pensar uma representação é essa obscuridade da representação de finitude. A causa metafísica das coisas é uma causa que tem tanto realidade quanto efeito. A questão não é sobre Deus, sobre a existência de um Deus. É sobre a coisa extensa, sobre a ideia desse infinito³⁰. A finitude tem anterioridade cronológica enquanto a infinitude tem uma anterioridade lógica. O pensamento oferece dotação da coisa. Para haver pensamento tem que haver infinito. Caso contrário, cai-se na vala comum do ceticismo, e passa-se a versar acerca de uma filosofia da finitude, da empiria. É o pensar a partir da região lógica própria do pensamento.

²⁹ “Por exemplo, as ideias que tenho do frio e do calor são tão pouco claras e tão pouco distintas que mediante elas não sou capaz de discernir se o frio é apenas uma privação do calor, ou o calor uma privação do frio, ou então se um e outro são qualidades reais ou se não são; e na medida em que, sendo as ideias como imagens, não pode haver entre elas nenhuma que não nos pareça representar alguma coisa, e se é verdadeiro dizer que o frio não passa de uma privação do calor, não será despropositado classificar de falsa a ideia que o representa a mim como alguma coisa de real e de positivo, e assim outras ideias semelhantes, às quais certamente não é necessário atribuir outro autor senão eu mesmo”. DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 65-66.

³⁰ “Pelo nome Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu mesmo, e todas as outras coisas que são (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas” (DESCARTES, 2016, p. 67)

A anterioridade cronológica nada oferece, ao passo que a anterioridade lógica oferece aquilo que realmente é. Sem o infinito não há como se saber da existência da finitude. O exemplo do martelo, de Espinosa³¹, cabe aqui: apenas se desenha o martelo quando se tem o martelo; sem ele para produzir um martelo não há como ele ser feito. É uma ideia que, em si, traz o infinito, sem o qual para se pensar no martelo a ser feito não haverá como fazê-lo. Ideia é a forma geral do pensamento, que traz consigo o infinito – o martelo traz consigo o infinito. Do nada não brota nada, em termos clássicos. O nada não engendra representação. A causa é ontológica, com a transmissão do ser. Ideia como imagem da coisa é algo debatido, minuciosa e extensamente, devido ao uso que Descartes faz. Deve-se, porém, entender a palavra *imagem* como sendo representação.

Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e é exclusivamente a estes que convém propriamente o nome ideia, como quando represento a mim um homem, ou uma quimera, ou o céu, ou um anjo, ou o próprio Deus. Outros, além disso, possuem algumas outras formas, como quando quero, que temo, que afirmo ou que nego, concebo bem então algo como o sujeito da ação de meu espírito, mas adiciono também alguma outra coisa, por essa ação, à ideia que tenho de tal coisa; e desse gênero de pensamentos, alguns são chamados de vontades ou afecções, e outros de juízos.³²

O infinito tensiona a representação; é a ideia como infinito – daí o chegar ao argumento ontológico. Essa ideia não pode estar no indivíduo. O que se conhece como clareza e distinção não pode estar dentro do ser. Há de haver outra causa, que dele não parta. O infinito e a causa do infinito, essa é a busca proposta. A coisa extensa não emana do indivíduo, pois o indivíduo é coisa pensante. A causa precisa, então, ser outra que não ele.

“*Deus que existe*” é infinito. O pensamento tem que possuir uma causa que não o homem, a saber, Deus, que é aquele que opera no infinito. Pensar está no infinito. Sua origem, que não parte do homem, por ser finito, provém de Deus, elemento que explica a potência de liberdade que é o pensamento. O pensamento passa pelo infinito, pois é pelo infinito que se pensa. A anterioridade lógica do infinito no indivíduo é o

³¹ “O mesmo se diria dos instrumentos materiais, onde se argumentaria de igual forma, pois para forjar o ferro precisar-se-ia de um martelo, para se ter martelo, é preciso fazê-lo, para o que se necessita de outro martelo e de outros instrumentos, os quais também supõem outros instrumentos, e assim ao infinito; e desse modo em vão tentaria alguém provar que os homens nenhum poder têm de forjar o ferro” (ESPINOSA, 2015, p.365)

³² DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Ed. Edusp, São Paulo, 2016, p. 56-57.

pensamento. Se o finito tivesse o pensamento, não se faria a passagem do não-martelo para o martelo. É com a ideia – dada pelo infinito – do objeto que se chega a ele. O possível é dado pelo infinito. O conhecimento é da ordem do infinito, apesar de os meios pelos quais o homem conhece o conhecimento se debaterem na finitude.

Conclusão:

Caminha-se ao infinito. Não o mesmo de Deus, pois seus meios já são infinitos. A razão é o pensamento, a translucidez de si a si. O mais não é pensamento, ao menos não sem esse caráter reflexivo. No percurso das *Meditações* pressupõe-se sempre a autorreflexão. O conhecimento tende ao infinito, mas não o é, já que depende da mediação permanente do infinito, que é seu próprio fim. Dessa forma, não há como existir um gênio maligno, uma potência da finitude, pervertendo o ato finito ao contrário dele, permanentemente. Do ponto de vista da representação, não pode haver o gênio maligno, pois isso seria o mesmo que admitir o vazio como capaz de criar alguma coisa. Seria o subverter das regras metafísicas. A prova de Deus implica no fim à hipótese do gênio maligno, pois o infinito não pode ser mau. Ao infinito não se compromete.

Referências Bibliográficas:

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Holanda: 1637.

_____. **Meditações Metafísicas**. Ed. Edusp: São Paulo, 2016.

ESPINOSA, Baruch de. **Tratado da Emenda do Intelecto**. Ed. Unicamp: São Paulo, 2015.